

Cedro australiano em alta no mercado

Madeira é nobre, ideal para ser usada na construção civil e na fabricação de móveis.

03/05/2008 - O cedro australiano é da mesma família do cedro brasileiro. É uma árvore exótica, ainda pouco conhecida, que se adaptou bem no Brasil.

A planta cresce rápido. Em uma fazenda em Campo Belo, sul de Minas Gerais, existem árvores com quatro anos de idade. São cinquenta hectares de área plantada, além da produção de mudas.

O dono da fazenda, Ricardo Vilela, é diretor da Associação dos produtores florestais do sudoeste de Minas, a Apflor. Ele explica que é um investimento a longo prazo. Para plantar um hectare, o produtor gasta R\$4 mil, fora o valor do terreno. Em 15 anos, lucra R\$150 mil com a venda da madeira para serrarias.

"A principal vantagem em relação ao cedro brasileiro é que o australiano é resistente a esta larva. A broca faz com que o tronco da árvore fique bifurcado e, conseqüentemente, há uma queda no valor comercial", explica Ricardo.

O cedro australiano é uma madeira nobre, ideal para ser usada na construção civil e na fabricação de móveis. Além de leve e resistente, permite um excelente acabamento e a valorização no mercado. O metro cúbico custa cerca de R\$1.500.

Segundo Ricardo Vilela, é um produto com mercado garantido. "A promessa de boa rentabilidade tem despertado interesse de pessoas que querem plantar o cedro. A demanda por mais informações sobre a planta resultou numa parceria criada no fim do ano passado entre a Universidade Federal de Lavras, o Instituto estadual de florestas, Sebrae e a Apflor.

Em laboratórios com equipamentos modernos e estufas, são feitas pesquisas para analisar as melhores sementes e o solo mais adequado para o plantio do cedro australiano. "É uma cultura que se expandiu bastante e necessita de informações mais consistentes que possam facilitar o seu manejo, permitindo um melhor crescimento da planta, que se busque e que se alcance maior produtividade e comercialização do cedro", explica o pesquisador Eduardo Furtini.

"Nós buscamos material genético na origem de diferentes regiões da Austrália. Hoje nós produzimos mudas que estão em fase de testes no campo", conta o pesquisador Sebastião Rosado.

FONTE :CAMINHSOS DA ROÇA JORNAL DA CIDADE

**Grupo Atlântica aposta em café robusta , Cedro Australiano em MG
05/05/2008 VE**

O grupo Atlântica, empresa exportadora de café verde, vai começar a investir neste ano no plantio de café robusta em Minas Gerais - o principal reduto do grão tipo arábica do Brasil. Os primeiros viveiros dos grãos serão plantados em Pirapora, na região norte do Estado.

"Nosso projeto é plantar de 800 a 1.000 hectares de café robusta irrigado em nossa fazenda, totalizando cerca de 3,5 milhões de árvores", diz Rogério Schiavo, um dos sócios da Atlântica.

Criada em 2000, a Atlântica é controlada pelo empresário Ricardo Tavares, que tem 60% de participação no negócio. De tradicional família de cafeicultores, Tavares foi presidente da Sucos Mais, vendida há três anos para a Coca-Cola. Seu pai, Aprigio Tavares, era dono da torrefadora Três Corações, que está nas mãos do grupo israelense Strauss-Elite desde 2000. Outros 20% pertencem a Schiavo, de família de cafeicultores. E o restante pertence ao empresário Rodrigo Monte Santo.

A decisão da empresa de investir na produção de café foi tomada este ano. Para isso, o grupo criou um braço agropecuário, que deverá focar os negócios em café robusta, florestas e banana.

Segundo Schiavo, a Atlântica vai plantar variedades do tipo robusta de alta produtividade e investir em lavouras irrigadas. "Os primeiros pivôs serão instalados até o final do ano."

"A região do norte de Minas tem condições climáticas parecidas com a do Espírito Santo [maior produtor de café robusta do país]. Há como garantir uma produtividade de 120 sacas por hectare [a média nacional é de 20 sacas por hectare]", acrescenta Schiavo. Para viabilizar os negócios de café, a empresa está se associando ao cafeicultor Edmundo Aguiar, que possui fazendas em Pirapora e tem tradição no plantio de arábica na mesma região.

A fazenda adquirida pelo grupo em Pirapora, afirma Schiavo, tem 3.000 hectares de área agricultável. Um terço desta área será ocupado com café. Cerca de 500 hectares serão destinados a florestas, para o plantio de cedro australiano. "Vamos exportar a madeira", diz. Outros 150 hectares serão ocupados por banana. O restante será destinado à pecuária. Com um faturamento de cerca de R\$ 100 milhões, a Atlântica exportou em 2007 cerca de 350 mil sacas de café verde. "Nossa meta é crescer 30% este ano". O grupo projeta embarques de 400 mil a 450 mil sacas de café em 2008.

Minas Gerais é o maior Estado produtor de café do Brasil, respondendo por mais de 50% da oferta nacional. A produção no Estado está concentrada no sul e região do cerrado. O norte de Minas, onde domina a pecuária, tem pouca tradição em café.

Os investimentos em café robusta, de qualidade inferior ao do arábica, começaram a ganhar notoriedade nos últimos meses no país porque este tipo de grão tem registrado melhor rentabilidade que o arábica. Seus custos de produção também são inferiores aos do arábica. Na sexta-feira, a saca de 60 quilos do café arábica encerrou a R\$ 247,22, valorização de 13% em 12 meses no mercado interno. A saca do robusta encerrou a R\$ 208,50, com alta de 16,4%.

No Espírito Santo, a colheita de robusta começou há algumas semanas. Minas deve dar início aos trabalhos este mês. Para financiar a safra de café nacional, o governo federal vai liberar R\$ 2,16 bilhões, oriundos do Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé). Do total, R\$ 453 milhões serão para custeio; R\$ 496 milhões para colheita; R\$ 898 milhões para estocagem; e R\$ 313 milhões para aquisições seus estoques.

Produtor atesta viabilidade do plantio de árvores em Minas

Vale a pena trocar o gado leiteiro pela silvicultura. Essa é a conclusão do produtor Ricardo Vilela, um dos proprietários da Fazenda Bela Vista, localizada na região Sul de Minas Gerais. O agricultor vai falar sobre a viabilidade do cultivo de eucaliptos e outras árvores durante palestra no 3º Seminário Regional de Silvicultura do Noroeste Mineiro e Alto Paranaíba, no dia 10 de agosto, no município de Vazante.

Ricardo vem de uma família de quatro gerações de produtores rurais e conta que a mudança não foi repentina. "Na época não se ouvia falar em plantio de eucaliptos como atividade. Foi um amigo da família que aconselhou meu pai a investir em floresta e eu comecei a estudar o assunto", lembra. Hoje não se vê gado leiteiro na propriedade, apenas o café convive com a floresta da fazenda, que cresce 200% ao ano. Em 2001 eram 60 mil mudas plantadas, hoje já são sete milhões.

Na Bela Vista também funciona um viveiro que fornece mudas para a região e investe em pesquisa. "Apostamos, além do eucalipto, no melhoramento do cedro australiano. A espécie é mais nobre e tem mercado diferente. Em cerca de cinco anos já devemos ter aumento de produtividade nas mudas", acredita. O viveiro produz atualmente seis milhões de mudas por ano e a produção já está vendida até o mês de fevereiro do ano que vem.

Há seis anos começou o investimento firme nas árvores, mas a venda de madeira só deve acontecer em outros três anos. "A demora é o que desanima os agricultores. Não se pode querer retorno rápido do capital investido na silvicultura. Por outro lado, isso é bom, porque dá mais estabilidade ao mercado", avalia o produtor.

Ainda assim, o fazendeiro não perde o entusiasmo ao falar das florestas. "Já percebemos que é um negócio muito mais lucrativo que qualquer outra atividade rural. E as perspectivas para os próximos 15 ou 20 anos são muito boas", afirma Ricardo.

A 3ª edição do Seminário Regional de Silvicultura do Noroeste Mineiro e Alto Paranaíba, promovido pelo [Sebrae](#) Minas, deve reunir 250 produtores, empreendedores e interessados da região, que irão discutir dificuldades e soluções, além de aumentar a articulação para que o projeto ganhe mais apoio. O evento acontece no dia 10 de agosto no Anfiteatro Municipal de Vazante.

SERVIÇO

3º Seminário Regional de Silvicultura do Noroeste Mineiro e Alto Paranaíba
Data: 10 de agosto de 2007
Anfiteatro Municipal Alyrio Alves Rosa
Vazante - MG

FONTE

[Agência Sebrae de Notícias](#)
Eliza Caetano - Jornalista
Telefone: (31) 3371-9036

São Miguel do Oeste - O Cedro Australiano (Toona ciliata var. australis) é uma espécie exótica, proveniente de várias regiões da Austrália. Apresenta bom crescimento em regiões de 500 a 1.500 m de altitude e com regime pluviométrico de 800 a 1.800 mm/ano, com 2 a 6 meses de estiagem. Toler a geadas leves de curta duração. As plantas não suportam solos mal drenados, que acarretam morte por encharcamento das raízes. No Brasil o Cedro Australiano encontrou condições favoráveis ao seu desenvolvimento, que é comparável ao do eucalipto. Isso não significa um rendimento igual ao do eucalipto, uma vez que a tecnologia brasileira é a

melhor do mundo na produção específica dessa espécie.

O desenvolvimento do Cedro Australiano na região de Campo Belo - MG (Campo Belo, Cristais, Cana Verde, Sto. Antônio do Amparo) tem sido excepcional, sendo que as plantas alcançaram 1,20 m aos 4 meses de idade. Em Venda Nova do Imigrante ES, foram observadas áreas de plantio de 2 anos e 8 meses com árvores de porte médio de 6 m e plantios com 6 anos de idade e porte de 10 metros de altura.

A idade "ideal" de corte do Cedro é aos 09 anos, podendo ser antecipada ou adiada, dependendo das condições específicas do povoamento ou da necessidade do produtor.

Indicamos o plantio no espaçamento 2 x 2 m. Assim tem-se 2.500 plantas por hectare. São necessários um desbaste aos 4 anos, quando são removidas de forma sistemática 660 plantas, e outro aos 8 anos, quando são removidas de forma seletiva 600 plantas, as 400 melhores são poupadas para o corte raso a partir dos 12 anos.

A madeira do segundo desbaste é aproveitada para usos nobres como fabricação de móveis. As árvores remanescentes, mais espaçadas, apresentarão ganho em diâmetro.

Sua madeira é idêntica à do cedro brasileiro (Cedrela fissilis), nativo do Brasil, indicada para a fabricação de móveis finos e acabamentos em construção civil. A madeira de ambos está cotada em R\$ 1500,00/m³ (outubro/2006).

O crescimento rápido da planta permite o consórcio com outras atividades: agrícola, já no primeiro ano, ou pecuária, a partir do segundo ano, o que barateia a manutenção da floresta e gera renda antecipada. Para a implantação de consórcios, ou sistemas agroflorestais (SAFs), é recomendado o espaçamento 8 x 2 m, que permite a mecanização e aumenta a insolação na área.

Já foi comprovado que a broca da gema apical (Hypsipyla grandella), que causa grandes danos ao cedro e mogno brasileiros, não ataca a Toona.

FONTE JORNAL IMAGEM

16/06/2006 - De maior valor agregado que o eucalipto, o cedro australiano pode virar uma nova alternativa para os agricultores do sul do Estado. Essa espécie exótica, de origem australiana, aparece como opção para os produtores diversificarem suas atividades.

"Madeira é poupança verde", destaca o agricultor e viveirista Geraldo Lorencini, que possuem mudas de cedro australiano em seu viveiro, "São Sebastião", localizado na comunidade de Capim Angola, no município de Rio Novo do Sul.

A madeira de uso nobre é indicada para a fabricação de móveis finos e acabamentos em construção civil. A espécie se adapta bem em altitudes que varia de 500 a 1500 metros. Toleram geadas leves e não suportam solos mal drenados.

Segundo informou Geraldo, lembrando que a árvore recebe seu primeiro corte aos 20 anos de plantio. "Se um pequeno agricultor reservar uma área de um hectare dá para plantar até 2,5 mil mudas, que representará um grande valor agregado", enfatizou o viveirista.

Mais informações é só ir ao local em horário comercial, e conversar com os irmãos Arnaldo e Geraldo Lorencini.

Fonte: Maratimba

SEAGRO APOSTA NO CRESCIMENTO DA SILVICULTURA NO TOCANTINS

Aline Sousa - Secom

Considerando os 6 milhões de hectares de área livre para o reflorestamento no Tocantins, a Seagro – Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento investe na difusão da silvicultura no Estado. São 20 mil hectares dedicados ao setor, tendo destaque para o eucalipto, com um pouco mais de 14 mil hectares plantados. Outras espécies também estão sendo evidenciadas, entre elas a seringueira, teca, neem, paricá, pinus e pequi.

Clima, extensão territorial, luminosidade, baixo custo com a terra, quando comparado aos outros estados, e a privilegiada posição geográfica. Estes são alguns dos fatores que fazem com que o Tocantins tenha um excelente potencial para o desenvolvimento da silvicultura.

Segundo o diretor de Silvicultura e Fruticultura da Seagro, José Elias Júnior, o investimento em silvicultura gera vantagem econômica e principalmente ambiental. O plantio contribui para a melhoria da qualidade do ar e reduz os níveis de poluição. A reposição florestal em áreas degradadas além de colaborar para minimizar o aquecimento global é mais eficaz que as adultas no seqüestro de carbono, ou seja, a retirada de gás carbônico da atmosfera.

Algumas empresas têm percebido as vantagens de se investir em silvicultura no Tocantins. É o caso do grupo empresarial espanhol Nobleinvest Atividades Rurais. Atuando no ramo de madeiras nobres no mundo, o grupo já investiu 30 mil hectares na Argentina, pretende investir no Brasil R\$ 160 milhões em 20 mil hectares de reflorestamento. A Nobleinvest já adquiriu 3,5 mil hectares no Tocantins, nos municípios de São Miguel, Itaguatins e Maurilândia.

Durante uma reunião com os secretários estaduais de Agricultura, Pecuária e Abastecimento e Indústria e Comércio, Roberto Sahium e Eudório Pedrosa, respectivamente, o grupo espanhol apresentou o projeto, pelo qual pretende adquirir mais terras no Estado. Eles utilizarão para a reposição florestal a teca, o cedro australiano, mogno, entre outras espécies silvícolas.

Para Elias Júnior, a teca representa um excelente investimento para o setor, especialmente pelo seu alto valor comercial. A teca é uma árvore de grande porte e de origem asiática, que vem sendo produzida no Brasil desde a década de 70. A árvore pode ser comercializada por U\$ 800 o metro cúbico.

A teca é uma das madeiras mais valorizadas do mundo, especialmente por não ser sensível à variação de umidade e imune à ação de fungos e cupim, qualidades essas que a torna uma árvore singular e economicamente rentável. De acordo com Elias Júnior, o custo por hectare para a implantação da árvore é de R\$2.458, o que no prazo de aproximadamente 25 anos, o produtor poderá ter a sua produção avaliada em R\$320 mil.

Apesar da teca ser uma cultura a longo prazo, existem produtores que a consideram como um excelente investimento. É o caso do Cinésio Barbosa de Lima, silvicultor do município de Miranorte. “Eu só tenho um arrependimento em relação à teca: o de não ter começado mais cedo”, explica. Atualmente, a produção no Estado é de 25 hectares.

Pesquisa pode tornar cedro australiano bom negócio para produtor rural
Enviado por Délcio César Cordeiro Rocha Data de envio 4/2/2008 11:34:31

Depois do eucalipto, o cedro australiano pode ser a nova espécie estrangeira que, adaptada às condições brasileiras, dará rentabilidade ao produtor rural. A Associação dos Produtores Florestais do Sudoeste de Minas (Apflor), com o apoio do Sebrae Minas, está investindo em pesquisa para melhoramento genético da árvore para aumentar sua produtividade.

O trabalho começou há dois anos, comandado por professores da Universidade Federal de Lavras (Ufla) e ainda deve levar outros seis até que se chegue ao objetivo final. Um clone do cedro australiano.

– Em três anos já será possível ter material genético muito superior ao que já existe no

mercado – afirma o diretor da Apflor, Ricardo Vilela.

O investimento total no projeto é de R\$ 2 milhões.

– Vemos a atividade como algo de grande potencial para os pequenos produtores. No final do processo, eles têm árvores com alto valor agregado que significam uma ‘poupança verde’, que pode ser retirada quando for mais conveniente – acredita o técnico do Sebrae Minas responsável por projetos de silvicultura, Leonardo Ivo.

– Estamos trilhando o mesmo caminho feito com o eucalipto. No começo, ele produzia 15 m cúbicos por hectare, patamar atual do cedro. Hoje o eucalipto chega aos 50 m cúbicos por hectare – explica o produtor. A diferença, segundo Vilela, está na qualidade da madeira extraída.

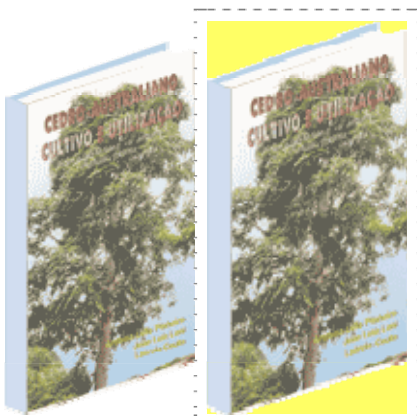
Enquanto o eucalipto se presta bem aos destinos que exigem mais volume que qualidade, como a celulose e o carvão vegetal, o cedro australiano tem características excelentes para a movelaria e a construção civil. Para que tenha diâmetro suficiente para as serrarias, a árvore tem de crescer por quinze anos.

– A rentabilidade chega a R\$ 10 mil por ano a cada hectare, enquanto o eucalipto rende apenas R\$ 1 mil – conta Vilela.

Em quatro anos, é feito um primeiro desbaste para selecionar as melhores mudas.

– O corte feito aos oito anos já paga todo o investimento – afirma o produtor.

Fonte: Sebrae



Cedro-Australiano Cultivo e Utilização: Cedro-Australiano Cultivo e

Utilização

Créditos: Centro de Produções Técnicas - O Cedro Australiano, também conhecido como Toona, é uma árvore fantástica. É de rápido crescimento, cresce em diferentes tipos de solos e chega a atingir 8 metros de altura e 15 centímetros de diâmetro com três anos de idade. Como o seu próprio nome diz é originário da Austrália, mas tem se adaptado muito bem às condições brasileiras, especialmente as do sudeste.

Sua madeira é de excelente qualidade tanto para serraria como para a indústria moveleira. Suas características são semelhantes ao nosso tradicional Cedro (*Cedrela sp*) que é uma madeira muito conhecida e valorizada no mercado.

Tem se tornado uma excelente opção econômica tanto no plantio adensado como no sistema agrosilvipastoril.

Autores

Antônio Lelis Pinheiro
Doutor em Silvicultura

A propriedade do Sr. Antenor Morgan situada no município de Sooretama produz mamão (*Carica papaya* L.) e café conilon (*Coffea canephora*) em consórcio. Depois que o mamoeiro reduz a produção é cortado, permanecendo a lavoura de café formada. Em outubro de 2003 iniciou-se o plantio de **Cedro australiano** (*Toona ciliata*) no espaçamento 15 x 7 metros e cafeeiros juntamente nas linhas dos mamoeiros. Observou-se um bom desenvolvimento do cafeeiro e do **cedro** ultrapassando a altura dos mamoeiros no final de 2004. Atualmente a propriedade possui 40 hectares de **cedro** com café e mamão em diversas fases de desenvolvimento.

O Sr. Antenor Morgan e sua esposa são descendentes de italianos e chegaram na região em 1947 proveniente do sul do estado adquirindo a sua propriedade de 120 hectares, localizada no Córrego do Chumbado, município de Sooretama/ES. Tem seis filhos e dois trabalham administrando as atividades da propriedade. Na propriedade são cultivados em consórcio de fileiras duplas mamoeiros e cafeeiros nos espaçamento 3 x 2 x 2 metros, e o **cedro australiano** no espaçamento de 15 x 9 metros.

Para Montagnini et al.(1992), os sistemas agroflorestais são formas de uso e manejo dos recursos naturais nos quais espécies lenhosas (árvores, arbustos e palmeiras) são utilizadas em associação com cultivos agrícolas ou com animais no mesmo terreno, de maneira simultânea ou numa seqüência temporal. A escolha deste sistema está direcionado pela necessidade de diversificar a produção, para abastecer de madeira, lenha e frutas, ou de prover um seguro contra as flutuações de preços do **mercado**.

A diversificação com espécies florestais, principalmente se associadas a outros cultivos perenes, é um investimento de baixo custo que agrega valor ao cultivo, funciona como uma poupança com retorno a médio e longo prazos, permite retornos durante a renovação das lavouras e atenuam os impactos sobre os recursos naturais. Além disso, a falta de madeira denominada “apagão florestal” tem ocasionado o aumento do seu preço, assim como existe um aumento da demanda

de madeira de qualidade para atender ao pólo moveleiro regional e ao **mercado** (Fórum, 2005).

O agricultor efetua o plantio de mamoeiros e em seguida utilizando mudas clonais retiradas e produzidas na sua propriedade, efetua o plantio de café juntamente com as mudas de **cedro australiano** nas linhas do mamoeiro que são irrigadas por aspersores. Já existem 40 hectares de café, mamão e **cedro**. O agricultor escolheu o plantio de árvores pelo critério do múltiplo uso da essência florestal, isto é, árvores que forneçam

além de madeira comercial, madeira para a propriedade, lenha, ou que sirvam no sombreamento do cafeeiro. São feitas podas periódicas no cafeeiro (poda de produção) e no **cedro** (poda de ramos laterais) com o objetivo de obter árvores retilíneas. Segundo o proprietário, com a monocultura de mamão ou café, os problemas com insetos e doenças tem aumentado por falta de inimigos naturais, e com a introdução do **cedro** que aumenta um pouco a biodiversidade na área, tende a minimizar o problema. Com o plantio do cafeeiro nas linhas do mamoeiro, não dá para fazer a amontoa de terra que é uma prática corriqueira nas lavouras de mamão. A região tem um índice elevado de doenças nos mamoeiros (mosaico e meleira) que requerem a erradicação de plantas e dessa forma os cafeeiros ocupam estas áreas, além de aproveitar as adubações, capinas e irrigações efetuadas nos mamoeiros. Foi observado também que o cafeeiro estiola no início, mas depois de retirado os mamoeiros o desenvolvimento é normalizado. Verificou-se também com o consórcio o aumento de anuns que segundo o proprietário são grandes predadores de insetos. O proprietário tem consciência do risco desta experiência, pois em depoimento ele falou que o futuro é incerto em relação aos resultados do trabalho no plantio e condução do **cedro**.